

VÍTOR MARCONI DE SOUZA

***NEM TE CONTO:*
A MULTIFUNCIONALIDADE DO ELEMENTO
NEM APLICADA AO ENSINO DE PL2E**

MONOGRAFIA

**DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU***

**RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO DE 2009**

DEPARTAMENTO DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Formação de Professores de Português
para Estrangeiros

Nem te conto:
a multifuncionalidade do elemento *nem*
aplicada ao ensino de PL2E

Vítor Marconi de Souza

Orientadora: Prof^a. Adriana Ferreira de Souza de Albuquerque

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Vítor Marconi de Souza

***Nem te conto:*
a multifuncionalidade do elemento *nem*
aplicada ao ensino de PL2E**

Monografia apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Letras.
Aprovada pela Comissão Examinadora.

Orientadora: Prof^a. Adriana Ferreira de Souza de Albuquerque

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009



Nem te conto: a multifuncionalidade do elemento *nem*
aplicada ao ensino de PL2E

Resumo: Nesta monografia, discute-se a multifuncionalidade do elemento *nem* no português brasileiro através da análise sintática e semântica de expressões idiomáticas contendo *nem*, *nem que* e *que nem*. No corpus utilizado, constata-se que a estrutura comparativa *que nem* é predominante no português oral informal do Rio de Janeiro e menos frequente na modalidade escrita e que as expressões analisadas possuem diferentes funções e composições sintáticas. Este trabalho também aborda estratégias para o ensino de *que nem* e algumas expressões idiomáticas a estrangeiros aprendendo português como segunda língua.

Palavras-chave: multifuncionalidade – *nem* – expressões idiomáticas – atos de falas

Nem te conto: the multifunctionality of element *nem*
applied to teaching Portuguese as a second language to foreigners

Abstract: In this monograph, the multifunctionality of element *nem* in Brazilian Portuguese is discussed through the syntactic and semantic analysis of idioms containing *nem*, *nem que* and *que nem*. In the corpus used, it is evident that the comparative structure *que nem* is predominant in informal spoken Rio de Janeiro Portuguese and less frequent in its written mode and that the idioms analyzed have different functions and syntactic structures. This paper also addresses strategies to teach *que nem* and some idioms to foreigners learning Portuguese as a second language.

Keywords: multifunctionality – *nem* – idioms – speech acts

*A Deus, pelas incontáveis bênçãos e oportunidades concedidas.
Aos meus pais, pelo constante incentivo a vencer.
À tia Landinha, pelo apoio e incentivo desde que eu era pequeno.*

Agradecimentos

À professora Adriana Albuquerque, pela confiança em mim depositada.

À professora Adriana Rebello e ao professor Ricardo Alencar, pelos empréstimos de livros essenciais para meu trabalho.

À Luciana, minha grande amiga do curso de especialização, pelas valiosas ideias.

Meu muito obrigado.

Sumário

1. Introdução	08
2. Objetivos	10
3. Justificativa	11
4. Fundamentação teórica	12
4.1. Revisão da literatura	12
4.2. Pressupostos teóricos.....	14
4.2.1. Atos de fala	14
4.2.2. Interculturalismo	15
4.2.2.1. Conceito de cultura	15
4.2.3. Linguística do discurso	17
5. Metodologia	20
6. Hipóteses	21
7. Análise de dados	22
7.1. Teoria na prática	22
7.2. Forma comparativa <i>que nem</i>	24
7.3. Expressões idiomáticas	26
7.4. A ordem dos fatores altera o produto?	39
7.5. <i>Nem X não</i>	42
8. Conclusão	46
9. Referências bibliográficas	48

Lista de quadros

Quadro 1. Síntese da fundamentação teórica	14
Quadro 2. Expressões idiomáticas compostas pelas formas <i>nem</i> , <i>nem que</i> e <i>que nem</i> com base na sintaxe	37
Quadro 3. Expressões idiomáticas compostas pelas formas <i>nem</i> , <i>nem que</i> e <i>que nem</i> com base nos atos de fala	38
Quadro 4. Expressões idiomáticas compostas pelas formas <i>nem</i> , <i>nem que</i> e <i>que nem</i> com base nos próprios termos	39

Siglas

PL2E: Português como Segunda Língua para Estrangeiros

SAdj: Sintagma Adjetival

SAdv: Sintagma Adverbial

SN: Sintagma Nominal

SPrep: Sintagma Preposicional

SV: Sintagma Verbal

1

Introdução

Língua: vidas em português. Brasileiros. Diariamente muitas pessoas se veem envolvidas em inúmeras situações de comunicação. No trabalho, em casa, no restaurante, nas ruas, etc. Usa-se a comunicação verbal nos mais diversos ambientes.

Ao pensar por uns instantes em estrangeiros morando no Brasil, depara-se com a língua dos brasileiros, as vidas de espanhóis, peruanos, americanos, franceses, etc. Eles não são brasileiros. Diante do impasse lingüístico e de possíveis choques culturais, os profissionais da área de Português como segunda língua para estrangeiros devem conceber o ensino de língua como algo que não seja meramente o ensino de gramática e vocabulário. É preciso levar os alunos a interagir em português e compreender a cultura brasileira para que a língua dos brasileiros e as vidas dos estrangeiros possam ter um relacionamento harmônico.

Este trabalho insere-se nesse panorama em que se percebe a necessidade de um ensino que leve em consideração a língua em uso. Por isso, a multifuncionalidade do elemento *nem* é analisada para apresentar usos não contemplados pela tradição gramatical, assunto mais detalhado nas seções *Objetivos e Justificativa*.

Na seção *Fundamentação teórica*, discorre-se sobre o que já foi pesquisado a respeito do *nem*. Levantam-se dados de Cunha & Cintra (2001), Bechara (2006), Azeredo (2002), Neves (2000), Perini (2002) e Monteiro (1998). Além disso, apresentam-se as três teorias que norteiam este trabalho, a saber: teoria dos Atos de fala (Austin, 1962, Searle, 1969), Interculturalismo (Bennett, 1998) e Linguística do discurso (Alvarez, 1998, Koch, 1991, Tagnin, 1989).

Na seção *Metodologia*, são mostrados os procedimentos realizados nesta pesquisa de base qualitativa e quantitativa. Em *Hipóteses*, ideias iniciais do que se suspeita ser o resultado final deste trabalho são compartilhadas. Na *Análise de dados*, aplica-se o que foi descrito pelas gramáticas e textos da fundamentação teórica aos exemplos retirados dos corpora. Também se descrevem e se sistematizam expressões idiomáticas e se estudam a forma comparativa *que nem* e os padrões de deslocamento do *nem* na estrutura frasal. Cabe acrescentar ainda que o emprego de *nem* e *não* é contrastado. Finalmente, na *Conclusão*, discutem-se

resultados obtidos, sugerem-se pesquisas futuras e apontam-se meios de aplicação do que é discutido nas salas de aula de PL2E.

2 Objetivos

Este trabalho tem por objetivo geral descrever os usos do *nem* em estruturas negativas e comparativas e em expressões idiomáticas numa perspectiva linguístico-cultural. Além desse, há ainda os seguintes objetivos específicos:

- verificar em exemplos dos corpora a aplicabilidade dos usos do *nem* descritos em trabalhos anteriores;
- observar se a forma comparativa *que nem* é frequente em textos jornalísticos;
- estabelecer padrões para o deslocamento do elemento *nem* na estrutura frasal e apontar seu possível impacto semântico;
- listar expressões idiomáticas em que existam os constituintes *nem*, *nem que* ou *que nem*, este último funcionando como estrutura comparativa;
- elaborar um quadro de sistematização dos usos do *nem* em expressões idiomáticas;
- mostrar diferenças semânticas entre o emprego de *não* e *nem*.

3

Justificativa

Na tarefa de ensinar Português como língua estrangeira ou segunda língua, observa-se que há um descompasso entre alguns conteúdos descritos na gramática tradicional e o real uso da Língua Portuguesa no Brasil. Por isso, os professores em geral tendem a optar por uma abordagem funcional do idioma.

Embora existam alguns gramáticos que dediquem trechos de seus trabalhos descrevendo o elemento gramatical *nem*, percebe-se que há ainda alguns usos que merecem maior detalhamento e outros que aparentemente não foram abordados em nenhum compêndio gramatical de cunho normativo ou funcionalista.

Acredita-se que a presente pesquisa possa servir não só para estudos posteriores como também para auxílio a profissionais da área que poderão recorrer a esta análise de dados para elaborarem aulas, exercícios e materiais didáticos.

4 Fundamentação teórica

4.1. Revisão da literatura

Fazendo-se um levantamento da literatura que contempla o tema do presente trabalho, buscou-se observar como diferentes tipos de obras/textos abordam o uso do *nem*. Recorreu-se à gramática normativa, à gramática de usos, à gramática da língua portuguesa para estrangeiros e a textos acadêmicos.

Cunha e Cintra (2001) classificam *nem* como conjunção coordenativa aditiva quando este possui o mesmo sentido de *e não* e como conjunção coordenativa alternativa quando duas orações são ligadas e não há a realização de um dos fatos mencionados. Os gramáticos também apontam que a conjunção *nem que* se encontra no grupo dos conectivos concessivos. Além dessas informações que foram verificadas, os autores reservam um espaço do capítulo sobre conjunções para a descrição de *que nem* como uma conjunção subordinativa comparativa e a colocam em uma lista da qual *assim como*, *bem como* e *como se* fazem parte.

De acordo com Bechara (2006), *nem* é semelhantemente considerado conjunção aditiva. À classificação, acrescenta-se o comentário de que é usado para “unidades negativas”, assim como posteriormente o gramático expõe que a seqüência *nem...nem* possui uma noção negativa.

No entendimento de Azeredo (2002), o conectivo *nem*, da mesma forma como prescrevem Cunha e Cintra (op. cit.), possui o valor de *e não* quando há uma negação com *não* na primeira oração. No entanto, caso a primeira oração esteja marcada por uma negação através de um pronome indefinido (ex: *nada*, *nenhum*, *ninguém*), *nem* assume o valor de *ou*. Azeredo (op. cit.) ainda menciona que *nem* pode marcar a existência de sujeitos distintos em orações coordenadas.

No que concerne a sua gramática de usos, Neves (2000) aponta que ambos *e* e *nem* são elementos aditivos, porém este une “segmentos negativos ou privativos” (p. 751). Também ressalta que *nem* pode ser seguido de uma negação e que só estabelece relação entre elementos de mesma categoria: sintagma, orações e enunciados. A conjunção pode, ademais, fazer múltiplos acréscimos de novos sintagmas à oração, realizando o que Neves (op. cit.) chama de “correlação aditiva negativa” (p. 752).

Quanto ao seu valor semântico, o elemento *nem* pode enfatizar a ideia de acréscimo, inclusão ou exclusão.

Outra possibilidade orientada pela autora é o uso do *nem* como advérbio, fato não relatado nas três obras mencionadas anteriormente. Quando se encontra posposto a *e*, possui a mesma noção de *e também não* quando a oração anterior apresentar uma ideia de negação.

Com um público-leitor diferente das gramáticas citadas até então, o trabalho de Perini (2002) enquadra *nem* em uma categoria chamada “palavras negativas”. A essa categoria pertencem palavras como *nada, ninguém, nunca, jamais, nenhum*. É explicado que todas essas palavras funcionam basicamente como *não*. Quando apresentado como conjunção, *nem* é descrito como equivalente a *neither* e *nor*, o que de fato é o seu uso enquanto conjunção alternativa repetida. Outro uso mencionado é como uma espécie de negação enfática, sendo ressaltada no trecho a entonação longa e ascendente.

No universo acadêmico, Monteiro (1998) faz algumas considerações a respeito da conjunção concessiva *nem que*. Tal conjunção é agrupada a outros elementos conjuntivos: *mesmo que* e *ainda que*. Ao compará-la a essas outras conjunções do mesmo tipo, a autora percebeu que *nem que* possui um valor mais enfático e, se usado no início da frase, estende a ideia de negação de sua oração para a próxima. O mesmo não se dá caso a oração iniciada por *nem que* esteja posposta à principal.

Portanto, levando em consideração toda a fundamentação teórica, pode-se resumir o que foi abordado sobre *nem* no seguinte quadro:

Quadro 1: Síntese da fundamentação teórica

Cunha & Cintra (2001)
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nem</i> (= e não) é uma conjunção aditiva; • Pode ser uma conjunção alternativa e significa que nem um dos fatos é realizado; • <i>Nem que</i> é uma conjunção concessiva; • <i>Que nem</i> é uma conjunção subordinativa comparativa.
Bechara (2006)
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nem</i> é uma conjunção aditiva; • Possui uma noção negativa.
Azeredo (2002)
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nem</i> é semelhante a <i>e não</i> quando há uma negação com <i>não</i> na primeira oração; • <i>Nem</i> pode ser semelhante a <i>ou</i> caso haja uma negação com pronome indefinido.
Neves (2000)
<ul style="list-style-type: none"> • <i>E</i> e <i>nem</i> são elementos aditivos. <i>Nem</i> une elementos “negativos ou privativos” (p. 751). • <i>Nem</i> pode ser seguido por negação; • Só estabelece relação entre elementos de mesma categoria: sintagma, orações e enunciados; • A conjunção <i>nem</i> pode fazer acréscimo de novos sintagmas à oração; • Possui a ideia de acréscimo, inclusão e exclusão; • Como advérbio, <i>e nem</i> quando equivale a <i>e também não</i> quando a oração anterior apresenta uma negação.
Perini (2002)
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nem</i> faz parte do grupo de palavras negativas e <i>nem... nem</i> é traduzido para o inglês como <i>neither... nor</i>; • Seu uso é definido como negação enfática.
Monteiro (1998)
<ul style="list-style-type: none"> • Uma oração iniciada por <i>nem que</i> indica um fato incerto; • Quando anteposta à oração principal, pode estender a ideia de negação para aquela. O mesmo não ocorre se a ordem oracional for alterada; • <i>Nem que</i> possui um valor enfático, sobretudo quando sua oração é anteposta à principal.

4.2.

Pressupostos teóricos

Para a análise dos corpora deste trabalho monográfico, faz-se necessário definir conceitos como cultura e expressões idiomáticas e informar as teorias semântico-pragmáticas que norteiam as descrições e observações feitas.

4.2.1.

Atos de fala

A teoria semântico-pragmática usada para descrever os inúmeros usos do elemento *nem* no presente texto é a teoria dos atos de fala, criada por Austin (1962)

e posteriormente alterada por Searle (1969). Essa teoria se refere ao uso da palavra que pode ser convertido em ações. Em outras palavras, realizam-se ações quando se fala. Por exemplo, quando um policial diz “Mãos ao alto”, rende-se um criminoso. Portanto, dizer e fazer estão intimamente ligados segundo os preceitos em questão.

Essa teoria leva em consideração a língua como fato social e a usamos para a comunicação, comunicação essa que segue uma série de convenções linguísticas. Cançado (2008:142-143) afirma que “[p]recisamos saber como fazer perguntas, fazer sugestões, dar ordens, agradecer a pessoas, etc.. Em outras palavras, precisamos saber os usos convencionados para cada situação e como colocá-los em prática. Esses usos são chamados Atos de Fala”.

Esses atos podem ser subdivididos em locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Segundo Albuquerque (1998:2),

[o] ato locucionário consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua. É o próprio ato físico de produção de um enunciado. O ato ilocucionário é aquele que atribui a esse conjunto de sons uma determinada força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc. (...) O ato perlocucionário é aquele destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc., efeitos que podem realizar-se ou não.

Tanto o conceito de ato de fala quanto à divisão desses atos são de extrema importância para a execução desta monografia.

4.2.2. Interculturalismo

4.2.2.1. Conceito de cultura

Tomando como premissa a noção de que língua é fato social, é possível perceber a importância do componente cultural para um trabalho de descrição de um idioma em uso. Logo, língua e cultura não podem ser dissociados.

Vários estudiosos buscaram ao longo da história humana definir o conceito de “cultura”. Uma das teorias modernas, desenvolvida por Keesing (apud Laraia, 2009:59), sugere que

[c]ulturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimentos, crenças e práticas religiosas e assim por diante.

Keesing (op.cit.) destaca inúmeras circunstâncias sociais que fazem parte da cultura de um povo. Menciona áreas do saber, economia e religião.

Semelhantemente às palavras do autor anterior, Trouche (2005:69) traz uma contribuição acerca do mesmo conceito. Segundo a autora, cultura é

(...) um sistema de crenças e valores e uma organização sociopolítica que configuram um modo de agir, de fazer, de dizer e de comportar-se de uma dada sociedade. A palavra cultura possui uma diversidade de significados já que engloba tanto o saber cotidiano (experiência comum), bem como o saber intelectual (experiência refletida).

Trouche (op.cit.) levanta pontos não contemplados na definição de Keesing (op.cit.). Não só acrescenta a organização política como também dá maior destaque através de ações ao comportamento social.

Levando em consideração a contribuição de autores que trabalham com o termo “cultura” em uma perspectiva antropológica e social, é fundamental para este trabalho acadêmico buscar uma conceituação de “cultura” no Interculturalismo, pois essa corrente levanta questões concernentes à maneira como a diversidade cultural se reflete nas línguas, assunto de grande importância para o ensino de segunda língua e de língua estrangeira.

Segundo Bennett (1998), um dos representantes do Interculturalismo, as culturas refletem línguas distintas, padrões de comportamentos e valores diferentes, sendo praticamente impossível tomar a si mesmo como parâmetro para compreender como uma outra cultura opera. Para tal interculturalista, existem dois tipos de cultura que definem a identidade de um povo: a cultura objetiva e a cultura subjetiva. A primeira está relacionada à arte, literatura, teatro, música clássica ou dança. Essa lista de instituições culturais apontadas pelo autor apresenta o que é geralmente concebido como cultura. À mesma listagem, outras áreas podem ser acrescentadas: sistema linguístico, social, econômico e político. Todas esses assuntos podem ser encontrados em livros e manuais e fazem parte de conteúdo programático de inúmeros cursos.

No entanto, não basta possuir a cultura objetiva de um determinado país para ter competência intercultural. A cultura subjetiva possui aquilo que falta na objetiva: o fator comportamental. Nas palavras de Bennett (op.cit.),

A cultura subjetiva se refere às características psicológicas que definem um grupo de pessoas—o seu pensamento e comportamento diários—e não às instituições que eles criaram. Uma definição prática de cultura subjetiva é os padrões aprendidos e compartilhados de crenças, comportamentos e valores de grupos de pessoas que interagem. Entender culturas subjetivas—sua própria e a dos outros—é mais provável de levar à competência intercultural. (p. 3)¹

Ao considerar a importância da cultura subjetiva para que se interaja eficientemente em uma outra cultura, cumpre ressaltar que não basta conhecer uma dada língua, seus fonemas, seus morfemas, seu vocabulário e gramática para interagir com os falantes desta. É crucial compreender crenças e padrões comportamentais que regulam o imaginário desse povo.

Quando se trata de crenças e comportamentos, não é recomendável ser dogmático a ponto de afirmar que todos os cidadãos de um determinado povo pensam e agem da mesma forma. Generalizações podem ser feitas, porém devem refletir cuidadosamente aquilo que predomina em uma certa cultura. No entanto, é essencial o conhecimento de que nem todos se encaixam nos padrões estabelecidos pela generalização cultural.

Portanto, após essa breve exposição do conceito de cultura e algumas questões, vale explicitar que os conceitos de cultura objetiva e subjetiva (cf. Bennett, 1998), além de questões relacionadas, são a base teórica desta monografia.

4.2.3. Linguística do discurso

A teoria da Linguística do discurso

(...) se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas por indivíduos concretos em situações concretas, sob determinadas condições de produção. Estas manifestações podem, sem dúvida, consistir de uma só palavra, de uma seqüência de duas ou mais palavras ou de uma frase mais ou menos longa: mas, na maioria dos casos, trata-se de seqüências lingüísticas maiores que a frase. (...) O que visa, então, é descrever e explicar a (inter)ação humana por meio da linguagem, a capacidade que tem o ser

¹ tradução própria.

humano de interagir socialmente por meio de uma língua, das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados. (KOCH, 1991:9 apud ALENCAR, 2004:27)

4.2.3.1.

Expressões idiomáticas

Uma vez que este trabalho prevê uma categorização de expressões linguísticas em que *nem* é usado, primeiramente, é crucial tecer alguns comentários sobre a definição de expressões idiomáticas.

Para Tagnin (1989), o principal argumento usado por linguistas para definir tais expressões é o fato de não se poder entender seu significado simplesmente a partir da soma da noção de cada um de seus constituintes. Além disso, a autora aponta graus de idiomaticidade, explicitando que

[p]or menos idiomáticas entendemos quer as expressões em que um ou alguns de seus elementos são idiomáticos, quer as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação. Por totalmente idiomáticas entendemos as expressões em que nenhum de seus constituintes contribui com seu significado para o significado total da expressão. (p. 47)

De acordo com Alvarez (1998), o significado de uma expressão idiomática também não equivale à junção dos significados isolados de seus elementos constituintes.

A nosso ver uma expressão idiomática é uma combinação (sintagma) metafórica que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista semântico, numa expressão idiomática, o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global não é igual à soma dos seus elementos. (p. 103)

Considerando as expressões idiomáticas também em termos sintáticos, Garrão (2001), em sua dissertação de mestrado, apresenta um panorama do que já foi pensado quanto a expressões idiomáticas. Primeiramente, deve-se compreender que essas expressões são elementos da língua que apresentam uma certa inflexibilidade. Algumas expressões ainda permitem a inserção de algum pronome ou quantificador. Entretanto, outras perdem seu sentido idiomático caso sequer uma palavra seja incluída. Essa perda ocorre devido ao fato de as palavras formadoras

da expressão comporem uma única unidade semântica, ou seja, sua combinação lhes confere um significado exclusivo.

Semelhantemente ao que argumenta Garrão, Perini (2007:347) trata da fixidez das expressões idiomáticas:

(...) o léxico precisa incluir ainda certas expressões idiomáticas fixas, do tipo *bater as botas*, *a olhos vistos* etc. Estas não são propriamente palavras: por exemplo, em *bater as botas*, podemos flexionar a primeira parte: *bater as botas*, *baterão as botas* etc, o que nunca acontece com as palavras propriamente ditas. Mas as expressões idiomáticas não podem tampouco ser consideradas frases ou sintagmas normais, por várias razões: primeiro, na fala, nunca podem ser interrompidas por hesitações, sem destruir o efeito da expressão idiomática.

Segundo Cruse (1986, apud. Garrão, 2001), para ser uma expressão idiomática é preciso ter mais de um elemento de natureza lexical e não poder ser subdividido em unidades menores. O mesmo autor lança mão do conceito de “metáfora cristalizada” para se referir àquelas expressões que podem ter algum elemento substituído por outro de sentido semelhante contanto que a ideia global não seja perdida. Já Gibbs (1995, apud. Garrão, 2001) não possui tal separação e usa o termo expressão idiomática para ambos.

Feita essa breve exposição sobre como alguns teóricos entendem o que são expressões idiomáticas, é importante enfatizar que neste trabalho essas expressões são concebidas como estruturas cujo significado não resulta do somatório de seus elementos. Também se opta pela noção de graus de idiomaticidade (cf. Tagnin, 1989). Há expressões mais facilmente decodificadas e outras cujo valor não se apoia em nenhum dos seus constituintes. Vale ainda mencionar que os conceitos de metáfora cristalizada e de expressões idiomáticas dada por Cruse (op. cit.) não são utilizados, uma vez que são encontradas na língua portuguesa expressões que possuem valor idiomático, porém não possuem mais de um elemento lexical: *Nem sonhando*, *Como vai?* e outras.

5 Metodologia

A presente pesquisa acadêmica será de cunho quantitativo e qualitativo e os corpora serão construídos a partir de romances policiais do jornal *O Dia* retirados do corpus da dissertação de mestrado de Rebello (2002) e de uma pesquisa no sítio eletrônico intitulado “Corpus do Português”. Com respeito ao primeiro corpus, é de extrema importância explicitar que, apesar de os textos estarem impressos em um jornal, o registro predominante é o informal e há a presença de inúmeros diálogos, o que sugere que há uma tentativa por parte dos autores dos romances de aproximar o texto da modalidade oral da língua. Já os textos pertencentes a “O Corpus do Português” são provenientes de diversos periódicos brasileiros: *A tarde* (Bahia), *Correio do Povo* (Rio Grande do Sul), *O Estado de São Paulo* (São Paulo), *Diário de Pernambuco* (Pernambuco), *Folha de São Paulo* (São Paulo) e *Gazeta do Povo* (Paraná).

Inicialmente, são separados dos romances policiais todos os casos em que o elemento *nem* aparece e são verificados quais usos refletem o que é descrito em trabalhos anteriores, especialmente as gramáticas de Azeredo (2002), Bechara (2006), Cunha e Cintra (2001) e Neves (2000). Cumpre ressaltar que também são colhidas dos corpora expressões idiomáticas para a elaboração de um quadro de sistematização de expressões formadas pelos constituintes *nem*, *que nem* e *nem que*. As expressões idiomáticas que não são encontradas no corpus do jornal *O Dia* são buscadas na Internet através do sítio eletrônico de busca *Google*.

No que concerne ao teor quantitativo, busca-se averiguar no banco de dados do sítio eletrônico “O Corpus do Português” a quantidade de vezes em que *que nem*, quando encontrado em notícias escritas em Português do Brasil do século XX, apresenta o comportamento semântico de uma forma comparativa para perceber a penetração de tal elemento gramatical em textos jornalísticos.

6 Hipóteses

Partindo de uma inquietação motivada pela prática linguística em sala de aula e em contextos espontâneos a respeito da forma comparativa *que nem*, houve um maior interesse em realizar esta pesquisa. Seguem as hipóteses do que se espera encontrar como resultado desta monografia:

1. Há uma grande ocorrência da expressão *que nem* no português falado do Brasil (registro informal).
2. Não há uma grande frequência da forma comparativa *que nem* em textos jornalísticos do Português do Brasil do século XX.
3. O uso do *nem* nas estruturas de negação acarreta um acréscimo de intensidade negativa à sentença.

7

Análise de dados

7.1.

Teoria na prática

No que concerne ao que já foi prescrito nas gramáticas tradicionais e descrito nas gramáticas de uso que fazem parte do suporte teórico deste trabalho, é possível encontrar exemplos nos corpora que estão de acordo com essas obras:

- (1) – *Juro que não recebi ainda! Meu patrão é um malandro! Não recolhe o INSS **nem** o FGTS e sonega o IR!* (retirado de *O Dia*: “Superarma” – grifo nosso)

Esse exemplo encontrado no corpus formado por romances policiais do jornal *O Dia* reflete o que Cunha & Cintra (2001) propõem quando afirmam que *nem* é uma conjunção aditiva com valor de *e não*. Azeredo (2002) semelhantemente afirma a relação entre *nem* e *e não* quando há uma negação com *não* na primeira oração. É possível reescrever o trecho substituindo-se *nem* por *e não* para se evidenciar o que está sendo discutido:

- (2) *Não recolhe o INSS **e não** recolhe o FGTS e sonega o IR!*

O emprego da conjunção *nem* também faz luz ao trabalho de Bechara (2006), uma vez que o gramático diz que *nem* é uma conjunção aditiva e possui uma noção negativa. Ao mesmo exemplo ainda é possível ser feita uma associação com as explicações de Neves (2000) no momento em que a autora faz menção ao fato de *nem* ser um elemento aditivo que une itens negativos ou privativos e de essa conjunção estabelecer relação entre elementos de mesma categoria. Em (1), o sintagma constitui a categoria relacionada: “o INSS” e “o FGTS”. Cabe acrescentar que Neves (op. cit.) declara que *nem* pode possuir uma ideia de acréscimo, inclusão e exclusão. No caso do exemplo acima, percebe-se que *nem* traz consigo uma noção de exclusão, visto que se excluem os recolhimentos tanto do INSS como do FGTS.

- (3) – *Nem Xuxa, **nem** Faustão, **nem** Gugu, **nem** novela, nada! A televisão só vai ser ligada quando terminar o racionamento!* (retirado de *O Dia*: “A economia” – grifo nosso)
- (4) – *É ruim, hein? Aposto que o senhor não lê jornal **nem** vê televisão!* (retirado de *O Dia*: “Folgadinho” – grifo nosso)

Tanto em (3) como em (4), novamente se observa o que Neves (op.cit.) aponta como estabelecimento de relação entre elementos de mesma categoria. Em (3), há uma relação entre os sintagmas “Xuxa”, “Faustão”, “Gugu” e “novela”; em (4), a relação estabelecida ocorre entre as orações “não lê jornal” e “vê televisão”. “O senhor” é o sujeito de ambas as orações.

- (5) – *Não digo, **nem que** o Cesar Maia mande!* (retirado de *O Dia*: “Folgadinho” – grifo nosso)

Tomando o que Monteiro (1998) descreve em sua tese acerca da conjunção concessiva *nem que*, observa-se que, conforme apontado por ela, essa conjunção indica um fato incerto, afinal de contas, em (5) não se sabe se César Maia mandará ou não.

Com respeito ao caráter enfático de *nem que*, ao inverter a oração subordinada e a principal, constata-se a extensão da negação presente na conjunção:

- (6) – ***Nem que** César Maia mande, digo!*
- (7) * – ***Nem que** César Maia mande, não digo!*

Percebe-se em (6) que, sendo invertidas as orações, não há necessidade de acrescentar *não* à oração principal, uma vez que fica claro que o interlocutor não dirá algo. O exemplo (7) não se mostra uma possibilidade cabível.

7.2.

Forma comparativa *que nem*

No tocante à forma comparativa *que nem*, alguns exemplos são observados no corpus formado pelos romances policiais do jornal *O Dia*:

- (8) – *É que eu tava muito velho de bigode, Alionéria Regina! Tenta remoçar você também! A gente vai ficar **que nem** o Casal 20!* (retirado de *O Dia*: “O garoto de meia-idade” – grifo nosso)

- (9) – *Ele com 180 reais, e eu, duro **que nem** porta de cofre de banco!* (retirado de *O Dia*: “Superarma” – grifo nosso)

- (10) – *Invocado **que nem** o pai!* (retirado de *O Dia*: “Os tapinhas na cabeça” – grifo nosso)

Em (8), faz-se uma comparação entre “a gente” e “Casal 20”. Em (9), o enunciador não possui dinheiro ou possui tão pouco dinheiro que se compara a uma porta de cofre de banco. Em (10), comparam-se o pai e o filho em termos de comportamento. O uso da forma comparativa *que nem*, encontrado nos nossos corpora, demonstra que há uma expressiva frequência no registro informal da fala do Português do Rio de Janeiro.

Em todos os exemplos retirados, o uso de *que nem* tem o valor de um grau comparativo de igualdade, equivalendo ao emprego de *bem como* e *assim como* conforme postulam Cunha & Cintra (2001). Cumpre ressaltar que a conjunção subordinativa comparativa encontrada no exemplo também possui uso semelhante a conjunções como *igual a* e *tanto quanto*.

Contudo, Cunha & Cintra (op. cit.) não apresentaram na seção em que se dedicaram à explicação da conjunção *que nem* um exemplo que fosse completamente semelhante ao encontrado nesse corpus:

- (11) *Ela comeu-a **que nem** confeitos.* (p. 588 – grifo nosso)

Diferentemente dos exemplos da pesquisa, em (11) a comparação estabelecida se dá entre “confeitos” e o pronome oblíquo “a” (objeto direto), substituindo um nome. O uso de *que nem* para comparar o sujeito da oração a um outro item não foi registrado em nenhuma das gramáticas tradicionais consultadas.

Quanto à parte quantitativa deste estudo, realiza-se uma busca no sítio eletrônico “Corpus do Português” por frases que contenham as palavras *que* e *nem*, usadas uma ao lado da outra para observar quando juntas compõem adquirem uma função comparativa de igualdade. Os textos pesquisados provêm de textos jornalísticos do Português do Brasil. A amostra refere-se aos anos de 1994 e 1997 e engloba exemplos de notícias de diferentes cidades brasileiras.

Ao realizar a pesquisa virtual, dos 62 (sessenta e dois) exemplos encontrados que satisfazem as condições de pertencerem à mídia jornalista e serem redigidos em Português contemporâneo do Brasil (modalidade escrita) encontram-se 4 (quatro) usos de *que nem* como forma comparativa:

- (12) *Fadas de pano e plástico vendem **que nem** mamão em fim de feira nas lojas de brinquedos da velha e pérfida Albion, onde também já existe uma entidade empenhada em disseminar o apreço àquelas fantásticas criaturas (The National Fairy Appreciation Society). (retirado de O Estado de São Paulo: “Comportamento: Ingleses redescobrem o encanto das fadas” em 5 de abril de 1997)*
- (13) *Fico **que nem** mãe-coruja, explica. (retirado da Folha de São Paulo em 1994)*
- (14) *Sou **que nem** aquele cara que diariamente ganhava 500 cruzeiros porque não cuspiu em o elevador de seu prédio. (retirado da Folha de São Paulo em 1994)*
- (15) *Eu sou **que nem** o Tyson. (retirado da Folha de São Paulo em 1994)*

Em (12), a venda de fadas de pano e plástico está sendo comparadas à de mamão em fim de feira e chega-se à conclusão de que ambas as negociações comerciais são semelhantes. Em (13), a pessoa que enuncia tal frase se compara a uma mãe-coruja.

Em (14), o enunciador se compara a uma outra pessoa que recebia uma soma em dinheiro por ter o comportamento adequado. Em (15), o enunciador se compara a Tyson, que pelo contexto pode-se inferir que seja o boxeador Mike Tyson. O emprego de *que nem* de (12) a (15) pode ser contrastado com outros usos encontrados no mesmo corpus:

- (16) *Coisas **que nem** sempre vão ser cumpridas, isso é verdade e todo mundo sabe.* (retirado da *Folha de São Paulo* em 1994).

Nesse caso, *que* é um pronome relativo e *nem*, um advérbio. Nenhuma comparação é feita.

- (17) *Acho **que nem** nos tempos de amador aconteceu isso comigo.* (retirado de *O Estado de São Paulo*: “Goleada deixa Veloso triste e inconformado” em 21 de abril de 1997)

Em (17), *que* é uma conjunção integrante e *nem*, um advérbio. Não há nenhuma comparação.

Diante da diferente proporção entre o uso de *que nem* como forma comparativa e outros usos, os dados sugerem que aparentemente há uma menor frequência da conjunção comparativa nos textos jornalísticos pesquisados, possivelmente pelo fato de essa estrutura ser informal e mais característica da modalidade oral. Dos 4 (quatro) exemplos encontrados em que *que nem* adquire uma função comparativa, 3 (três) estão relacionadas à fala de algum interlocutor, o que leva a crer na reprodução da modalidade oral na escrita. Somente em um dos exemplos o uso de *que nem* encontra-se em modalidade escrita sem nenhuma interferência da oralidade. Os achados da pesquisa de base quantidade aparentemente apontam para a baixa frequência de *que nem* em textos jornalísticos.

7.3. Expressões idiomáticas

Quanto às expressões idiomáticas compostas pelas formas *nem*, *que nem* ou *nem que*, verificam-se as seguintes expressões no corpus do jornal *O Dia* e nas buscas eletrônicas no sítio *Google*:

1. *nem pensar*

- (18) – *Trate de botar o bigode no lugar! Com essa cara de garoto, **nem pensar!** Todo mundo vai pensar que sou a sua mãe!* (retirado de *O Dia*: “O garoto de meia-idade” – grifo nosso)

Em (18), *nem pensar* pode ser classificado como um ato de fala de recusa e possui o mesmo significado do que *de jeito nenhum, de maneira alguma*. Tal estrutura apresenta grande inflexibilidade, uma vez que não se permite acréscimo de nenhum outro elemento nem flexão do verbo em questão.

2. *não estar nem aí*

- (19) – *Fala, tesuda.*
 – *Você tem preconceito?*
 – ***To nem aí**, popozuda. Sou um ser liberal.*
 – *Que bom saber disso, Apolo!* (retirado de *O Dia*: “Fazendo amor no rádio” – grifo nosso)

Em (19), *estar nem aí* é um exemplo de ato de fala de indiferença/desprezo, sendo o preconceito alvo desse sentimento. Tal expressão idiomática apresenta uma certa flexibilidade em relação ao verbo, este pode variar em tempo, modo e pessoa.

- (20) *Neuzinha não **estava nem aí**. Fez apenas um breve comentário.* (retirado de *O Dia*: “Fazendo amor no rádio” – grifo nosso)

Em (19) e (20), verifica-se que os exemplos apresentam flexibilidade do verbo *estar*, pois no primeiro, *tô* pertence a primeira pessoa do singular do presente do indicativo enquanto *estava* é classificado como terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo. Todavia, há restrições à inclusão/alteração de elementos em tal expressão.

(21) ? *Neuzinha não estava nem **muito** aí para o que estava o que estava acontecendo.*

(22) * *Neuzinha não estava nem **aqui**.*

(23) * *Neuzinha não **ficava** nem aí.*

O que se percebe em (21) é que aparentemente é possível inserir o advérbio “muito” sem ocasionar a perda de sentido de *não estar nem aí*. Já em (22) e (23), a substituição de um dos constituintes provoca o esvaziamento do significado convencional.

3. *(mas) nem que a vaca tussa*

(24) *Gerobólio ficou feito barata tonta:*

– ***Mas nem que a vaca tussa!** O senhor sabe que tenho pavor de avião! Por que o senhor não manda o Seu Casquézio ali?* (retirado de *O Dia*: “A bola da vez na empresa” – grifo nosso)

Em (24), há o uso da expressão idiomática *mas nem que a vaca tussa*, sendo a conjunção *mas* opcional. A referida expressão comporta-se como um ato de fala de recusa, pois mostra a impossibilidade de Gerobólio andar de avião, dado o seu pavor. Andar de avião é associado a uma experiência ruim e a expressão incorpora a ideia de recusa de algo considerado ruim. É importante salientar a existência de inúmeras expressões idiomáticas na língua portuguesa do Brasil contendo nomes de animais. A expressão em questão devido à presença da palavra “vaca” em sua composição talvez cause um estranhamento ou repulsa em falantes estrangeiros que tenham o animal como um ser sagrado, como os indianos.

4. *nem por um decreto*

(25) *O homem empacou:*

– Não passo por essa esquina **nem por um decreto!** Vamos dar meia-volta e ir pela outra rua! Vê lá se quero urucubaca em cima de mim! (retirado de *O Dia*: “A macumba da esquina” – grifo nosso)

Em (25), há uma expressão idiomática formada pelo elemento *nem* e um sintagma preposicionado (*por um decreto*) e seu significado mostra a impossibilidade de passar-se por uma determinada esquina devido à presença de objetos característicos de uma manifestação religiosa. Portanto, *nem por um decreto* também é um ato de fala de recusa de algo considerado ruim.

5. *nem nada*

(26) *O garotinho estragou tudo quando entrou na sala e perguntou ao pai, o Salafriido, o que ele estava fazendo no armarinho:*

– O senhor não é costureira, **nem nada!** (retirado de *O Dia*: “O presente” – grifo nosso)

Em (26), a expressão idiomática *nem nada* traduz a ideia de ênfase ao fato de Salafriido não ser costureira. A princípio, a expressão pode causar estranhamento aos estrangeiros não familiarizados com ela. Analisando a força locucionária desse ato de fala de negação enfática, o que se entende é que Salafriido não é nem costureira nem coisa alguma, ou seja, não possui uma profissão. No entanto, a força ilocucionária de *nem nada* é enfatizar o fato de o personagem em questão não ser costureira. Cabe acrescentar a importância do advérbio *não* no início da oração. Não havendo tal advérbio, a oração não estaria adequada.

(27) * *O Senhor é costureira, nem nada.*

Poderia ser pensando que *nem nada* também apresenta a noção de surpresa. Porém, ao analisar o próximo exemplo, parece que há uma impossibilidade desse valor para a expressão:

(28) *Eurosnaldo ia falar, mas o pessoal chegou junto, com um careca à frente:*

- Mas como o seu pimpolho cresceu!

O guri, injuriado:

– *É claro! Eu não sou anão, **nem nada!** Encolher é que eu não podia!*

(retirado de *O Dia*: “Os tapinhas na cabeça” – grifo nosso)

O emprego de *nem nada* em (28) não revela surpresa nenhuma por parte do enunciador, uma vez que, lendo o romance policial desde o início, compreende-se que o menino não gostava dos colegas do pai justamente por esses fazerem comentários inconvenientes.

6. *nem quero saber*

(29) *Decidiu:*

– *Ah, **nem quero saber!** Ela que se dane!* (retirado de *O Dia*: “A velhinha simpática” – grifo nosso)

Apesar de a expressão ser encontrada em um dos romances policiais com a estrutura *nem quero saber*, acredita-se que as formas *não quero nem saber* e *quero nem saber* são mais comuns. Constitui um ato de fala de desprezo/indiferença assim como *não estar nem aí*.

7. *nem queira saber*

(30) *Genebrildo indignado:*

– ***Nem queira saber!** Lá no meu provedor já havia 340 Genebrildos!* (retirado de *O Dia*: “Pelo e-mail” – grifo nosso)

Em (30), observa-se que a expressão idiomática, diferentemente do uso em (29), exige que *querer* esteja no presente do subjuntivo. É um ato de fala que prepara o interlocutor para algo que será contado. Possui inflexibilidade em relação à flexão verbal e ao acréscimo de palavras entre os constituintes da expressão. Entretanto, se for acrescentado ao final *o que aconteceu*, *nem queira saber o que aconteceu* não parece deturpar o sentido idiomático da expressão.

Como outras expressões idiomáticas compostas por *nem*, *que nem* ou *nem que* não foram observadas no corpus dos romances policiais, recorreu-se à ferramenta de busca *online* mencionadas acima para registrar o uso dessas expressões.

8. *nem sonhando*

- (31) “***Nem sonhando*** tenho recursos para comprar o SBT”, diz Roberto Justus.
(retirado da *Folha online* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Nem sonhando é uma expressão que sugere a impossibilidade da realização de algo. Fica clara a noção de que comprar o SBT é um feito impossível pela falta de recursos financeiros.

9. *nem a pau*

- (32) *Meu msn não conecta **nem a pau**?* (retirado de *Yahoo Brasil respostas* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Nem a pau é mais uma das expressões que se refere à impossibilidade da realização de uma ação, nesse caso, de o msn ser conectado. A expressão ainda possui a variante *nem a pau*, *Juvenal*. Uma característica da cultura brasileira é o acréscimo de nomes a expressões. Alguns exemplos desse fenômeno são *casa da mãe Joana*, *mortinho da Silva* e *Calma, Bete!*. Além disso, substantivos como *Ricardão*, *Mauricinho*, *Patricinha* não se relacionam aos nomes *Ricardo*, *Maurício* ou *Patrícia* e muito menos a dimensões aumentativas ou diminutivas. Referem-se, contudo, a pessoas que pelo seu comportamento ou características recebem esses nomes-rótulos.

10. *nem vem que não tem*

- (33) *Ao me deparar com gente estressada, eu encheria a boca para dizer “**Nem vem que não tem**”, no sentido amplo da frase.* (retirado do blog *Dois pra lá dois pra cá* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Nem vem que não tem possui o significado de *não comece a falar algo, fazer algo ou se comportar de alguma forma*. É uma maneira de interromper o que interlocutor planeja realizando ou está realizando. Trata-se de um ato de fala de interrupção devido à discordância de algo. A expressão possui a variante *nem vem*.

11. *que nem pinto no lixo*

(34) *Feliz **que nem pinto no lixo*** (retirado da *Revista da FM O Dia* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Estar feliz que nem um pinto no lixo ou *estar que nem pinto no lixo* é equivalente a *estar extremamente bem fazendo algo de que se gosta ou vivendo um bom momento*. A expressão é um ato de fala revelador de felicidade. Essa é mais uma expressão em que há um nome de um animal. A imagem de um pinto no lixo pode ser interpretada de diversas maneiras de acordo com a cultura. No caso da cultura brasileira, entende-se que tal animal se sente bem em estar nesse local. No entanto, levando-se em conta que cada cultura tem seu sistema de representação do mundo, não é possível afirmar que a mesma imagem transmitiria a ideia de algo bom para os estrangeiros.

12. *nem que me pague*

(35) *Mas **nem que me pague** eu acredito que essa menina dormiu sendo tatuada, mano*. (retirado do blog *Estimulanet Tattoo* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Em (35), ao usar *nem que me pague*, o enunciador revela que não é possível acreditar que a menina tenha dormido enquanto estava sendo tatuada. A expressão é sinônima de *de jeito nenhum* e *de maneira alguma*. É importante observar que conforme é apontado nos estudos de Monteiro (1998), mais uma vez se comprova que a ideia de negação inerente à conjunção concessiva *nem que* se estende à oração seguinte. Invertendo as orações, essa extensão da negação se perde:

(36) *Eu **não** acredito que essa menina dormiu tatuada, mano, mas nem que me pague.*

(37) * *Eu acredito que essa menina dormiu tatuada, mano, mas nem que me pague.*

O exemplo (36) demonstra que, feita a inversão, a nova disposição das orações será aceita se o advérbio *não* for incluído na oração principal. Em (37), há uma sentença inaceitável devido à sua incoerência.

13. *nem em um milhão de anos*

(38) *Bike elétrica é recarregada de um jeito que você provavelmente não adivinharia **nem em um milhão de anos*** (retirado do sítio eletrônico *Gizmodo* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Nem um milhão de anos é um ato de fala que mostra uma impossibilidade, pois, segundo o autor do texto, ninguém provavelmente conseguiria descobrir como é feito o recarregamento da bicicleta elétrica. A expressão revela uma tendência de os brasileiros usarem hipérboles para intensificar alguma ação ou estado, demonstrando exagero e um quê de dramaticidade ao falar.

14. *nem f_dendo*

(39) *O filho pede o carro emprestado ao pai para sair com os amigos. O pai – Nem f_dendo.* (retirado do sítio *Dicionário inFormal* em 7 de novembro de 2009 – grifo e omissão de uma letra nossos)

Nem f_dendo é uma expressão idiomática que significa o mesmo que *de jeito nenhum, jamais, de forma alguma*, etc. De cunho chulo, também é um ato de fala que aponta para a impossibilidade de algo.

15. *sem eira nem beira*

(40) *Pedreiros sem “eira nem beira”*

Os pedreiros da prefeitura de Marataízes estão parados devido a retirada de suas gratificações e por não aceitarem desvio de função (retirado do sítio eletrônico *Maratimba.com* em 21 de novembro de 2009)

Sem eira nem beira é uma expressão idiomática que significa que uma pessoa é desprovida de recursos financeiros. No caso em questão, há um interessante jogo de palavras que remete à origem da expressão, relacionada à construção de casa. Segundo Alvarez (2007:6), “[o]s telhados de antigamente possuíam eira e beira, detalhes que conferiam status ao dono do imóvel. Possuir eira e beira era sinal de riqueza e de cultura”.

Logo, “Pedreiros sem ‘eira nem beira’”, nesse caso, refere-se tanto ao ofício de construção de casa e edifícios como também ao fato de eles estarem sem suas gratificações.

16. *nem a c_ralho*

(41) *A ironia é que eu estava a minutos de fazer meu ganho também. Não seria na rua **nem a c_ralho**, porém. Além de não conseguir correr como esses moleques de hoje em dia, meu negócio é dar tiro certo, na mosca.* (retirado do sítio *Crônicas de nada* em 21 de novembro de 2009 – grifo e omissão de uma letra nossos)

Nem a c_ralho é um ato de fala que significa de jeito nenhum, de maneira alguma. Possui o mesmo significado e teor sexual que *nem f_dendo*, além do cunho chulo. A diferença é que a primeira refere-se à genitália enquanto a segunda, ao ato de relacionar-se sexualmente. Ambas as expressões revelam o comportamento de muitos brasileiros de usar linguagem com conteúdo sexual para ênfase de um sentimento.

17. *nem tchum*

(42) *De Itabuna-BA, a representação local dos DSDs (de tão falado, o movimento dos 102 delegados sem delegacia já tem até sigla!) nos envia foto do outdoor*

*criado para chamar a atenção da sociedade sobre a questão. Como os demais recursos utilizados, a peça publicitária não deu resultado. O governo, **nem tchum!** como se diz popularmente.* (retirado do blog *À queima roupa* em 27 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Em (42), *nem tchum* é um ato de fala que demonstra desprezo/indiferença. Mesmo criando um outdoor para protestar a fala de delegacia para determinados delegados, o governo não se importou e não tomou nenhuma iniciativa. *Nem tchum* transmite a ideia de que não realizou nenhuma ação devido à indiferença demonstrada. Como constituinte dessa expressão, há a presença de um vocábulo expressivo: *tchum*. De acordo com Almeida (2009), vocábulos expressivos são “(...) onomatopeias e outras palavras expressivas de efeitos especiais utilizadas atualmente no português do Brasil (...)” (p. 127). A expressão em questão revela o comportamento de os brasileiros usarem palavras para imprimir mais expressividade à fala. Almeida (op. cit.) afirma que o discurso dos brasileiros “(...) costuma ter normalmente um tom jocoso e criativo, uma vez que, extrovertido, faz barulho; expressivo, usa e abusa de todos os recursos linguísticos de que dispõe; expansivo, externa seus sentimentos e sua maneira de ser” (p. 137).

18. *nem te ligo*

(43) *O vereador José Hannibal (PP), o Zé Galinha, seria, segundo as línguas aquosas, efetivo da Casan à disposição da Casa Civil, lá na capital manezinha. Mas **nem te ligo** de dar as caras por lá. Seus detratores alegam que tal seria parte do acordo pra ele ficar com a tchurma do Pavan (vou saber?). Só alegria I!* (retirado do sítio *Câmara dos vereadores do Balneário Camboriú* em 27 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Nem te ligo apresenta a mesma ideia de *não estar nem aí*, ou seja, demonstra-se a pouca importância dada a algo, indiferença ou desprezo. Há uma variante dessa expressão: *nem te ligo farinha de trigo*.

(44) *Eu adorava a personagem Tati na escolinha do Prof. Raimundo, mas já achava uma chatice no Fantástico. Não via. E não gostava da Leandra, assim,*

***nem te ligo farinha de trigo.** Não vi e não gostei. Rá! paguei a língua!*
(retirado do blog *Angela escritora* em 27 de novembro de 2009 – grifo nosso)

Vale ressaltar que inúmeras expressões idiomáticas no Português do Brasil apresentam em sua composição nomes de alimentos: *mamão com açúcar, morto com farofa, chupa essa manga*, dentre outras.

19. (mas) *nem morto*

(45) *Quando oferecerem a você Drogas, diga para eles na mesma hora: DROGAS, **NEM MORTO!!!*** (retirado do sítio *Drogas* em 11 de dezembro de 2009 – grifo nosso)

Observa-se que *nem morto* possui a mesma função de demonstrar impossibilidade assim como outras expressões em que *nem* ou *nem que* são constituintes. *Nem morto* equivale a *de jeito nenhum*. Um dado interessante sobre a cultura brasileira é a presença de um número de expressões que apresentam em sua composição palavras relacionadas à morte ou são diferentes maneiras de expressar que alguém morreu: *mortinho da Silva, morto com farofa, subir no telhado, virar purpurina, passar dessa para melhor, ir para o beleléu*, etc. Cabe acrescentar que a expressão admite variação de gênero: *nem morto X nem morta*.

20. *nem te conto*

(46) *Dona Maria: Sr. João, como foi o seu domingo?*
*Sr. João: É Dona Maria, **nem te conto**, acordei com uma dor de cabeça, o meu Corinthians perdeu, e minha filha foi atropelada.* (retirado do sítio *Dicionário inFormal* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso).

Sem focar na inadequação da forma de tratamento *Sr. João*, *nem te conto* é um ato de fala que prepara o interlocutor para o que será contato. Levando somente em consideração o ato locucionário, poder-se-ia erroneamente depreender que a expressão significa que algo não será contato. Já o ato ilocucionário traduz *nem te conto* como *vou te contar algo que te surpreenderá*. O efeito causado em quem

ouve a expressão (ato perlocucionário), ao menos os falantes brasileiros do Rio de Janeiro, é uma criação de expectativa.

Nem te conto pode ser a prévia de uma notícia ruim ou boa. Em (46), observa-se que todas as informações narradas não são boas: dor de cabeça, derrota do time de futebol e atropelamento da filha.

Em (47), a situação é oposta:

(47) *Nem te conto Márcia! A Giselle está grávida!!!!* (retirado do sítio *Dicionário inFormal* em 7 de novembro de 2009 – grifo nosso).

Pelo entusiasmo da narradora, entende-se o fato de a Giselle estar grávida como uma boa notícia.

Feita a apresentação das expressões idiomáticas encontradas nos corpora deste trabalho monográfico e na busca *online* empreendida, é relevante organizar essas expressões de acordo com a sintaxe, primeiramente. Em seguida, faz-se necessária uma sistematização com base nos atos de fala.

Quadro 2: Expressões idiomáticas compostas pelas formas *nem*, *nem que* e *que nem* com base na sintaxe

<i>NEM + SN</i>	<i>NÃO + SV + NEM + SAdv</i>
<ul style="list-style-type: none"> <i>nem nada.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>não estar nem aí.</i>
<i>NEM + SN + SV</i>	<i>NEM + SV + NÃO + SV</i>
<ul style="list-style-type: none"> <i>nem te conto;</i> <i>nem te ligo.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>nem vem que não tem.</i>
<i>NEM + SV</i>	<i>NEM + SAdj</i>
<ul style="list-style-type: none"> <i>nem vem;</i> <i>nem pensar;</i> <i>nem sonhando;</i> <i>nem f_dendo;</i> <i>nem quero saber;</i> <i>nem queira saber;</i> <i>nem tchum.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>(mas) nem morto.</i>
	<i>SP + NEM + SN</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <i>sem eira nem beira.</i>
	<i>QUE NEM + SN + SAdv</i>
	<ul style="list-style-type: none"> <i>que nem pinto no lixo.</i>
<i>NEM + SPrep</i>	<i>NEM QUE + SN + SV</i>
<ul style="list-style-type: none"> <i>nem por um decreto;</i> <i>nem a pau(, Juvenal);</i> <i>nem em um milhão de anos;</i> <i>nem a c_ralho.</i> 	SN (sujeito) <ul style="list-style-type: none"> <i>nem que a vaca tussa.</i>
	SN (objeto) <ul style="list-style-type: none"> <i>nem que me pague.</i>

O Quadro 2 sistematiza os usos das expressões idiomáticas encontradas neste trabalho quanto à sintaxe. Os usos preponderantes são da conjunção acrescida de

um sintagma verbal (7 casos) e de um sintagma preposicionado (4 casos). *Tchum* em *nem tchum* é considerado um sintagma verbal por estar substituindo um verbo em tal expressão.

Quadro 3: Expressões idiomáticas compostas pelas formas *nem*, *nem que* e *que nem* com base nos atos de fala

IMPOSSIBILIDADE	DESPREZO / INDIFERENÇA
<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem pensar</i>; • <i>(mas) nem que a vaca tussa</i>; • <i>nem por um decreto</i>; • <i>nem sonhando</i>; • <i>nem a pau</i>(, Juvenal); • <i>nem que me pague</i>; • <i>nem f_dendo</i>; • <i>nem em um milhão de anos</i>; • <i>nem a c_ralho</i>; • <i>(mas) nem morto</i>. 	INTERRUPÇÃO POR DISCORDÂNCIA
	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem vem (que não tem)</i>.
PREPARAÇÃO PARA O QUE SERÁ CONTADO	DEMONSTRAÇÃO DE FELICIDADE
<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem queira saber</i>; • <i>nem te conto</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>que nem pinto no lixo</i>.
DECLARAÇÃO DE AUSÊNCIA DE RECURSOS FINANCEIROS	ÊNFASE NA NEGAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • <i>sem eira nem beira</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem nada</i>.

No Quadro 3, as expressões idiomáticas estão agrupadas conforme os atos de fala de impossibilidade, de desprezo/indiferença, de ênfase na negação de um fato, de interrupção por discordância de algo, de preparação para o que será contado e de demonstração de felicidade de alguém. É notória a preponderância de expressões cuja função é mostrar a impossibilidade de um fato (10 casos) contra desprezo/indiferença (4 casos), ênfase na negação (1 caso), interrupção por discordância (1 caso), preparação para o que será contado (2 casos), declaração de ausência de recursos financeiros (1 caso) e demonstração de felicidade (1 caso).

Ao observar o acervo levantado, verifica-se que a maioria das expressões possui valor de negação. Nega-se que algo será feito, que um fato seja verdade, etc. O povo brasileiro, que de maneira geral é conhecido pela dificuldade em negar, tem em seu repertório linguístico uma série de recursos para negação.

Quadro 4: Expressões idiomáticas compostas pelas formas *nem*, *nem que* e *que nem* com base nos próprios termos

<i>NEM</i>	<i>NEM QUE</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem nada;</i> • <i>nem pensar;</i> • <i>nem por um decreto;</i> • <i>nem sonhando;</i> • <i>nem f_dendo;</i> • <i>nem a pau(, Juvenal);</i> • <i>nem vem (que não tem);</i> • <i>não estar nem aí;</i> • <i>nem quero saber;</i> • <i>nem queira saber;</i> • <i>nem em um milhão de anos;</i> • <i>sem eira nem beira;</i> • <i>nem a c_ralho;</i> • <i>nem te ligo;</i> • <i>nem tchum;</i> • <i>nem morto.</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>nem que a vaca tussa;</i> • <i>nem que me pague.</i>
	<i>QUE NEM</i>
	<ul style="list-style-type: none"> • <i>que nem pinto no lixo.</i>

O Quadro 4 agrupa as expressões que possuem em sua composição as conjunções *nem*, *nem que* e *que nem*. Os casos de expressões constituídas por *nem* predominam (16 casos), seguidos de *nem que* (2 casos) e *que nem* (1 caso).

7.4.

A ordem dos fatores altera o produto?

Há quem diga que “a ordem dos fatores não altera o produto”, porém tal máxima pode ser questionada no âmbito da Linguística. Ao tomar *ordem* como a organização dos sintagmas e *produto* como o significado de determinada frase, sabe-se que a semântica da Língua Portuguesa é dependente da ordem em que as formas linguísticas são dispostas na frase. Pensando na diferença semântica entre as frases “O gato matou o cachorro” e “O cachorro matou o gato”, a simples alteração do posicionamento dos sintagmas nominais ocasionou na mudança da história do assassinato.

Em relação ao uso do *nem*, percebe-se a possibilidade de sua existência em diversas posições em uma frase:

- O elemento *nem* pode estar entre um sintagma verbal e um sintagma nominal porém é necessário que existe uma outra palavra negativa:

(48) – *Não mato **nem** gente, quanto mais barata!* (retirado de *O Dia*: “Todos encarando a barata” – grifo nosso)

- *Nem* pode preceder um sintagma verbal e estar posicionado no início da frase:

(49) – ***Nem** ouse! Pensa que não sei o que você está querendo?* (retirado de *O Dia*: “O bate-papo” – grifo nosso)

- *Nem* pode vir entre dois verbos:

(50) *O juiz, falando baixinho:*
 – *Pra dizer a verdade, não tô **nem** ouvindo o que vocês estão falando.*
 (retirado de *O Dia*: “Justíssimo” – grifo nosso)

Portanto, existem várias possibilidades de posicionamento para o elemento *nem*. Além das ordens sintagmáticas exemplificadas, existem ainda outras. No entanto, para esta pesquisa, não basta somente identificar os padrões de deslocamento do *nem*. Deve-se, sobretudo, analisar o impacto semântico que tais deslocamentos causam. Os próximos exemplos têm o objetivo de destacar as mudanças semânticas:

(51) *No entanto, creio que o meu amigo de infância aqui não tá **nem** aí pro que ele falou!* (retirado de *O Dia*: “Justíssimo” – grifo nosso)

Em (51), *não estar nem aí* significa que há um desprezo ao que foi falado. Deslocando-se *nem* e omitindo-se *não* e o último trecho da frase, tem-se:

(52) *No entanto, creio que o meu amigo de infância **nem** tá aí.*

Nesse caso, o sentido da frase é que o amigo de infância não se encontra em um lugar específico.

(53) *No entanto, creio que **nem** o meu amigo de infância tá aí.*

Em (53), nenhuma pessoa, inclusive o amigo de infância, está em determinado lugar.

(54) *No entanto, **nem** creio que o meu amigo de infância tá aí.*

Nesse exemplo, o enunciador não acredita que seu amigo de infância esteja em um local específico.

O mesmo deslocamento pode ser feito na frase abaixo:

(55) – *Acho que é pessoal, porque o gato **nem** me olhou!* (retirado de *O Dia*: “Gato preto” – grifo nosso)

Em (55), o gato não demonstrou nada em relação ao enunciador, sequer olhou para o mesmo.

(56) *Acho que é pessoal, porque **nem** o gato me olhou.*

Nesse caso, esperava-se que outros animais ou pessoas olhassem para o enunciador, porém ninguém assim o fez.

(57) * *Acho que é pessoal, **nem** porque o gato me olhou.*

Por não conseguir encontrar uma lógica em tal frase, acredita-se que ela seja inaceitável. Nota-se que existe uma ordem sintática que aparentemente não existe na Língua Portuguesa do Brasil.

(58) *Acho que **nem** é pessoal, porque o gato me olhou.*

Nesse exemplo, o interlocutor constata que não há nenhum problema pessoal e o motivo que o faz pensar é o fato de o gato o ter olhado.

(59) ***Nem** acho que é pessoal, porque o gato me olhou.*

Em (59) a pessoa que fala não acha que seja um problema pessoal, pois o gato o olhou.

Após essa breve exemplificação, acredita-se que *nem* é um item gramatical que apresenta uma certa flexibilidade podendo fazer-se presente em diversas posições dentro da frase. Retomando a questão de se a ordem dos fatores alterar ou não o produto, conclui-se que neste trabalho, o que se observa é que se os fatores (*nem*) é alterado, o produto (semântica) também é alterado.

7.5.

Nem X Não

Apesar de ambas serem palavras negativas (cf. Perini, 2002), seus usos divergem em alguns pontos.

(60) *Ele era impressionável:*

– Não adianta! Se a gente pisar em cima, **nem** pai-de-santo americano resolve depois! (retirado de *O Dia*: “Gato preto” – grifo nosso)

Comparando-se o uso de *nem* ao de *não*, nota-se que este não poderia substituir aquele sem uma alteração na ordem sintática:

(61) * *Ele era impressionável:*

– Não adianta! Se a gente pisar em cima, **não** pai-de-santo americano resolve depois!

(62) *Ele era impressionável:*

– Não adianta! Se a gente pisar em cima, pai-de-santo americano **não** resolve depois.

(61) é inaceitável, pois *não* não pode preceder o sintagma nominal *pai-de-santo*. Diferenciando (60) e (62), constata-se que *nem* possui uma negação enfática (cf. Perini, op.cit.). Ao dizer que *nem pai-de-santo resolve depois*, refere-se à noção de que tal religioso é a pessoa mais capaz para resolver problemas desse tipo, porém mesmo ele não conseguirá resolver o problema apresentado.

Outro exemplo de que *nem* e *não* não são intercambiáveis em todos os ambientes sintáticos apresenta o uso de ambos elementos na mesma oração:

(63) *O juiz, falando baixinho:*

– *Pra dizer a verdade, **não** tô **nem** ouvindo o que vocês estão falando. Tô doido para tirar esse paletó, que está apertado pra cacete.* (retirado de *O Dia*: “Justíssimo” – grifo nosso)

Nota-se em (63) que *não* inicia a oração e *nem* encontra-se entre a locução verbal *estar + ouvir no gerúndio*. Este age como reforço à negação existente na oração. Se a ordem sintática é alterada, a seguinte combinação é obtida:

(64) * *O juiz, falando baixinho:*

– *Pra dizer a verdade, **nem** tô **não** ouvindo o que vocês estão falando. Tô doido para tirar esse paletó, que está apertado pra cacete.*

Feita a troca entre *nem* e *não*, percebe-se que o exemplo é inaceitável, pois a combinação *não* entre a locução verbal *estar + verbo no gerúndio* é impossível. Em outras locuções como *poder + verbo no infinitivo*, tal intercâmbio é permitido.

(65) *Ele pode **nem** dizer a verdade.*

(66) *Ele pode **não** dizer a verdade.*

Uma alternativa para (64) é o uso de *nem* ou *não* no início da oração:

(67) *O juiz, falando baixinho:*

– *Pra dizer a verdade, **nem** tô ouvindo o que vocês estão falando. Tô doido para tirar esse paletó, que está apertado pra cacete.*

(68) *O juiz, falando baixinho:*

– *Pra dizer a verdade, **não** tô ouvindo o que vocês estão falando. Tô doido para tirar esse paletó, que está apertado pra cacete.*

Apesar de haver uma mudança semântica na frase trocando-se *não* por *nem* e vice-versa, o intercâmbio é sintaticamente possível. Tal alternativa pode ser confirmada por mais uma amostra do corpus apresentada em (30):

(30) *Genebrildo indignado:*

- **Nem** queira saber! Lá no meu provedor já havia 340 Genebrildos! (retirado de *O Dia*: “Pelo e-mail” – grifo nosso)

Ao substituir *não* por *nem*, obtém-se:

(69) *Genebrildo indignado:*

- **Não** queira saber! Lá no meu provedor já havia 340 Genebrildos!

No entanto, querendo fazer a inserção de um dos dois elementos entre a locução verbal *querer* + *verbo no infinitivo*, o único que pode ser usado é *nem*, cabendo ao *não* somente o início da oração.

(70) *Genebrildo indignado:*

- **Não** queira **nem** saber! Lá no meu provedor já havia 340 Genebrildos!

No tocante a questões de ordem semântica, o uso dos elementos *não* e *nem* apresentam diferença de significado. Apesar de ambas as palavras possuírem a ideia de negação, somente *nem* confere ênfase a essa negação (cf. Perini, 2002). Através de exemplos retirados do corpus do periódico *O Dia*, é possível verificar que a substituição de uma palavra pela outra gera uma diferença semântica.

(71) *Uma magrinha invejosa:*

- *Puxa, Seu Coisa, dá pra dizer o que o senhor come? É que, assim, eu como também e não vou precisar de botar silicone!*
- O cobrador do ônibus, para o Alzimério:*
- **Nem** tinha reparado! Desculpe ter cobrado a sua passagem! (retirado de *O Dia*: “O mais cobiçado do ônibus” – grifo nosso)

Em (71), há um emprego de *não* e um emprego de *nem*. Quando a “magrinha invejosa” diz que não vai precisar botar silicone, nota-se que a frase possui uma negação, porém esta não é enfática. Substituindo *não* por *nem*, o significado muda:

(72) *Uma magrinha invejosa:*

– *Puxa, Seu Coisa, dá pra dizer o que o senhor come? É que, assim, eu como também e **nem** vou precisar de botar silicone!*

Ao usar *nem*, existe um reforço à ideia de fazer a inserção de silicone no corpo. Transmite-se a mensagem de que deixar de efetuar tal procedimento cirúrgico é algo positivo, possivelmente um alívio para a enunciadora, pois obter a referida protuberância anatômica naturalmente seria melhor.

Já em relação à utilização de *nem* em (72), trocando-o por *não*, obtém-se:

(73) *O cobrador do ônibus, para o Alzimério:*

– ***Não** tinha reparado! Desculpe ter cobrado a sua passagem!*

Deixando-se de empregar *nem* na frase acima, perde-se o conteúdo enfático, ou seja, a mensagem de que não observar determinado fato foi uma falha existe, porém não é transmitida com reforço.

8

Conclusão

A multifuncionalidade do elemento *nem*, o objeto de estudo deste trabalho, pode ser reafirmada após o empreendimento da presente pesquisa. Observa-se que *nem* não se restringe somente a uma categoria gramatical estanque, uma vez que pode ser deslocado dentro da frase. Cabe acrescentar que tal vocábulo é um elemento que faz parte da construção de inúmeras expressões idiomáticas.

Quanto ao conteúdo apresentado nas gramáticas consultadas, percebe-se que muitos apontamentos são verdadeiros acerca do português em uso no Rio de Janeiro.

No entanto, alguns comentários são feitos para uma melhor descrição do potencial do elemento *nem*. Primeiramente, os dados da análise apontam para presença da forma comparativa *que nem* na modalidade oral, observada no corpus do jornal *O Dia*, cujo objetivo era reproduzir a fala em inúmeros trechos dos romances policiais. Quanto à presença de *que nem* na modalidade escrita, a consulta ao banco de dados “O Corpus do Português” sugere que a penetrância não é muito grande, uma vez os exemplos encontrados refletem em sua maioria uma certa interferência da fala nos textos de jornal.

Outro dado importante se refere à gama de expressões idiomáticas de que *nem* faz parte. Com composições sintáticas diversas, verifica-se que possuem diferentes funções: impossibilidade, de desprezo/indiferença, de ênfase na negação de um fato, de interrupção por discordância de algo, de preparação para o que será contado e de demonstração de felicidade de alguém.

No tocante à ordem dos constituintes de uma frase, constata-se a flexibilidade do elemento *nem*. Este pode estar posicionado no início de uma oração, entre locuções verbais, além de poder unir sintagmas, orações e enunciados. Entretanto, cumpre ressaltar que a alteração do posicionamento de *nem* tende a ocasionar mudanças semânticas.

No campo das palavras negativas da Língua Portuguesa, *não* e *nem* são dois recursos muito utilizados. Apesar da noção de negação em comum, esta revela uma ênfase maior. Um exemplo dessa ênfase é a conjunção concessiva *nem que* que consegue estender, quando usada na primeira oração, sua negação até a oração seguinte.

Tendo-se refletido sobre o potencial das várias funções que *nem* pode desempenhar na Língua Portuguesa, é preciso buscar a aplicabilidade do objeto de estudo desta monografia às aulas de português como segunda língua ou língua estrangeira. Uma possível aplicação da forma comparativa *que nem* é a sua apresentação no momento em que se ensinam os comparativos de superioridade, igualdade e inferioridade. É uma boa oportunidade de refletir com os alunos sobre os registros em que cada forma comparativa costuma estar presente. Vale mencionar aos estudantes que *que nem* tende a ser associado à modalidade oral e ao registro informal enquanto outras formal como *tanto... quanto / como* pode estar presente na escrita e na fala além de situações formais e informais.

No que concerne às expressões idiomáticas compostas por *nem*, recomenda-se que sejam trabalhadas através de situações. Por exemplo, quando se trabalha uma conversa em que dois amigos falam sobre algo surpreendente que aconteceu, pode-se ensinar a expressão *nem te conto*. Ou então quando se aborda crise em relacionamentos como namoro e casamento, é possível ensinar as expressões *não estar nem aí* e *nem quero saber*. Uma sistematização do uso das expressões é uma forma interessante de os alunos visualizarem os recursos de que dispõem em português para executar determinadas ações.

Portanto, o elemento *nem* demonstra que não é simplesmente um item gramatical que deva ser tratado como minoritário. Pelo contrário, sua presença é constatada a todo tempo, sendo um bom motivo para explorar o seu potencial linguístico. Acredita-se que o assunto carece de maior aprofundamento, sendo importante que haja a contribuição de novas pesquisas. Uma maior listagem das expressões idiomáticas compostas por *nem*, *nem que* e *que nem* com seus respectivos atos de fala e uma análise que vise à busca da forma comparativa *que nem* em diversos periódicos são somente alguns dos inúmeros projetos de pesquisas que podem nascer a partir do trabalho com o elemento *nem*.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. F. S. “Algumas considerações sobre o uso do imperativo no português L1 e L2”. **Instituto de enseñanza superior en lenguas vivas**, 1998.

ALENCAR, R. B. **E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros**. Tese de Doutorado: PUC, 2004.

ALMEIDA, M. A. “BLÁ-BLÁ-BLÁ – A presença dos vocábulos expressivos na identidade linguística do brasileiro e sua relevância para o português como segunda língua para estrangeiros”. In: ALBUQUERQUE, A. & Meyer, R. M. B. **Olhar plural trajetória comum - português para estrangeiros na PUC-Rio**. Rio de Janeiro: Deescubra, 2009, pp. 127 - 139.

ALVAREZ, M. L. O. “Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura”. In: PINTO, P. F. & JÚDICE, N. **Para acabar de uma vez com Tordesilhas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

_____. “As expressões idiomáticas nas aulas de ELE: *um bicho de sete cabeças?*” In: REY, I. G. (org.). **Les expressions figées en didactique des langues étrangères**. 1.ed. Proximités E.M.E, 2007. pp. 159 -179.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. New York: Oxford University Press. 1962.

AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. 2.ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENNETT, M. J. “Intercultural Communication: A Current Perspective”. In: BENNETT, M. J. **Basic concepts of intercultural communication: selected readings**. Maine: Intercultural Press, 1998. Disponível em <http://www.intercultural.org/mair/reading25.pdf>.

CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAVIES, M. & FERREIRA, M. J. **Corpus do Português** (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). 2006-. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>.

GARRÃO, M. U. **Um estudo de expressões cristalizadas e sua inclusão em um tradutor automático bilíngue (português/inglês): o caso de “bater+SN”**. Dissertação de mestrado. PUC-Rio, 2001.

JORNAL **O DIA**, Rio de Janeiro, mar 2001/junho. 2001. Disponível em:
<http://odia.terra.com.br/portal/>

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 23.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zagar Ed., 2009.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERINI, M. **Modern Portuguese: a reference grammar**. EUA: Yale University Press, 2002.

_____. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2007.

REBELLO, A. L. P. **Psii! Do português L1 ao português L2: a interjeição como fator de identidade cultural**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio, 2002.

SEARLE, J. **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

TAGNIN, S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

TROUCHE, L. M. G. “Leitura e interpretação: inferências socioculturais. In: JÚDICE, N. **Ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros**. Niterói, RJ: Intertexto, 2005. pp. 69 – 79.

Sítios eletrônicos

À queima roupa

<http://correio24horas.globo.com/blogs/aqueimaroupa/default.asp?codigo=31057>

Crônicas de nada

<http://www.cronicasdenada.com/visualizar.php?id=1304718>

Dicionário inFormal

<http://www.dicionarioinformal.com.br>

Dois pra lá dois pra cá

<http://doispraladoispraca.wordpress.com/2009/06/09/nem-vem-que-nao-tem/>

Drogas

<http://lordr.vilabol.uol.com.br/>

Estimulanet tattoo

<http://estimulanet-tattoo.blogspot.com/2009/06/jovem-processa-tatuador-por-constelacao.html>

Folha de São Paulo online

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587188.shtml>

Gizmodo

<http://www.gizmodo.com.br/conteudo/bike-eletrica-e-recarregada-de-um-jeito-que-voce-provavelmente-nao-advinharia-nem-em-um>

Linguateca

<http://www.linguateca.pt/Floresta/>

Portal Maratimba.com

<http://portalmaratimba.com/noticias/news2.php?codnot=266073>

Revista FM O Dia

<http://fmodia.terra.com.br/revistadafmodia/bastidores/index.html>

Yahoo Brasil respostas

<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090112153426AA3HI7c>